GeoNordeste

https://seer.ufs.br/index.php/geonordeste
ISSN: 2318-2695

Recebido em 15 de dezembro de 2023
Aprovado em 28 de outubro de 2025

CIDADES PEQUENAS NA BAHIA, RURALIDADES E DINÂMICA URBANO-REGIONAL: O CASO DE MUQUÉM DO SÃO FRANCISCO

SMALL CITIES IN BAHIA, RURALITIES AND URBAN-REGIONAL DYNAMICS: THE CASE OF MUQUÉM DO SÃO FRANCISCO

PETITES VILLES DE BAHIA, RURALITÉS ET DYNAMIQUES URBAINES-RÉGIONALES: LE CAS DE MUQUÉM DO SÃO FRANCISCO

DOI 10.33360/geonordeste.v36i.20078

Antonio Muniz Filho
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)
Doutor em Arquitetura e Urbanismo (UFAL)
muniz@uneb.br

Agripino Souza Coelho Neto
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)
Doutor em Geografia (UFF)
agscneto@uneb.br

RESUMO
O estado da Bahia é formado por 417 municípios, cujas respectivas sedes equivalem a cidades com diferentes dimensões e características. Todavia, a grande maioria das cidades baianas tem pequeno porte em termos de tamanho populacional, apresentam estreitas relações campo-cidade e dependência em relação a um sistema urbano-regional. Assim, pretende-se, com este artigo, analisar os conteúdos rurais e a dinâmica urbano-regional da pequena cidade de Muquém do São Francisco (BA). Foram estabelecidas quatro dimensões de análise que sustentaram este trabalho: (i) dimensão populacional, (ii) dependência da população em relação à administração pública municipal, (iii) relações campo-cidade e ruralidades no urbano e (iv) inserção da cidade pequena em uma rede urbana regional. Em termos metodológicos, foram feitos levantamentos de dados secundários (populacionais, das atividades econômicas e dos postos de emprego formal por setores de atividade) e uma pesquisa de campo, que consistiu na aplicação de 189 questionários à população residente na cidade. A amostra da população foi definida por critérios estatísticos, tomando como base a população urbana. Concluiu-se que as dimensões de análise delimitadas foram fundamentais para a compreensão da dinâmica socioespacial de Muquém do São Francisco (BA), revelando a importância da administração municipal na geração de emprego, a intensidade das relações campo-cidade e a presença das ruralidades no espaço urbano, assim como a dependência da população em relação a um sistema urbano regional.
Palavras-chave: Cidades Pequenas. Rede urbana. Relações campo-cidade.

ABSTRACT
The state of Bahia is made up of 417 municipalities, whose respective headquarters are equivalent to cities with different dimensions and characteristics, however the vast majority of Bahian cities are small in terms of population size, have close rural-city relations and depend on a urban-regional system. Therefore, this article aims to analyze the rural contents and urban-regional dynamics of the small city of Muquém do São Francisco (BA). Four dimensions of analysis were established that supported this work: (i) population size, (ii) dependence of the population on municipal public administration, (iii) rural-city relations and urban ruralities and (iv) insertion of the small city in a regional urban network. In methodological terms, a survey of secondary data (population, economic activities and formal employment positions by activity sectors) and field research were carried out, which consisted of applying 189 questionnaires to the city's resident population. The population sample was defined by statistical criteria, based on the urban population. It was concluded that the delimited dimensions of analysis were fundamental for understanding the socio-spatial dynamics of Muquém do São Francisco (BA), revealing the importance of municipal administration in

generating employment, the intensity of rural-city relations and the presence of ruralities in the urban space, as well as the dependence of the population on a regional urban system
Keywords: Small towns. Urban network. Rural-city relations.

RÉSUMÉ
L'État de Bahia est composé de 417 municipalités, dont les sièges respectifs sont équivalents à des villes de dimensions et de caractéristiques différentes, mais la grande majorité des villes bahianaises sont de petites taille en termes de population et entretiennent des relations étroites entre la campagne et la ville, et aussi eles font de rapport avec un système urbain-régional. Ainsi, cet article vise à analyser les contenus ruraux et la dynamique urbaine-régionale de la petite ville de Muquém do São Francisco (BA). Quatre dimensions d'analyse ont été établies pour soutenir ce travail: (i) la taille de la population, (ii) la dépendance de la population à l'égard de l'administration publique municipale, (iii) les relations entre la ville et la campagne et les ruralités urbaines et (iv) l'insertion de la petite ville dans un réseau urbain-régional. Sur le plan méthodologique, une enquête sur des données secondaires (population, activités économiques et emplois formels par secteurs d'activité) et une recherche sur le terrain ont été réalisées, consistant à appliquer 189 questionnaires à la population résidente de la ville. L'échantillon de population a été défini selon des critères statistiques, basés sur la population urbaine. Il a été conclu que les dimensions délimitées de l'analyse étaient fondamentales pour comprendre la dynamique socio-spatiale du Muquém do São Francisco (BA), révélant l'importance de l'administration municipale dans la création d'emplois, l'intensité des relations entre la ville et la campagne et la présence de ruralités dans l'espace urbain, ainsi que la dépendance de la population, par rapport à un système urbain régional.
Mots-clés: Petites villes; Réseau urbain; Rapport entre campagne-ville.

1. CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS

Os estudos das cidades médias e pequenas no âmbito da ciência geográfica se concentraram fundamentalmente em três dimensões: (i) no tamanho das cidades, (ii) na classificação da importância dos papéis que elas exercem e (iii) na conformação de redes urbanas hierárquicas (Sposito, 2010).

O papel articulador das cidades e sua função na organização do espaço regional são uma assertiva largamente trabalhada pela literatura geográfica. Nessa direção, Cosinschin e Racine (1998 apud Henrique, 2012, p. 65) definem a cidade como um "conjunto morfológico, fisionômico, social e cultural diferenciado funcionalmente, integrado a uma rede de complementaridade que organiza uma região e possibilita sua integração na economia global".

De acordo com Bacelar (2012), os aspectos fundamentais para a compreensão das dinâmicas das pequenas cidades seriam o reduzido contingente populacional, um considerável fluxo migratório, uma intensa articulação campo-cidade e, principalmente, uma atuação direta e incisiva da gestão municipal na promoção de atividades produtivas e sociais que, de modo geral, proporcionam certo dinamismo econômico.

Soares e Melo (2010) defendem a importância da análise da inserção das cidades pequenas no mundo da globalização, das formas de relação entre o poder público local e a população, das relações com o entorno rural e as ruralidades, da dependência do sistema urbano regional, do envelhecimento e a involução populacional e dos aspectos de sociabilidade na pequena cidade.

Assumindo alguns desses parâmetros basilares, este artigo objetiva analisar os conteúdos rurais e a dinâmica urbano-regional da pequena cidade de Muquém do São Francisco (BA), considerando um conjunto de elementos que definem e caracterizam as cidades pequenas, que incluem (i) a dimensão ou tamanho populacional, (ii) a dependência da população citadina em relação à administração pública municipal, (iii) as relações funcionais da cidade pequena com uma rede urbana regional e (iv) as fortes interações campo-cidade e as ruralidades que marcam o urbano. Informamos que estes elementos teóricos foram adotados para estruturação do artigo.

Em termos de procedimentos metodológicos, fizemos levantamentos de dados secundários com coleta de dados estatísticos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e da Superintendência de Estudos Sociais e Econômicos da Bahia (SEI). Foram selecionados dados populacionais, dados das atividades econômicas e dados dos postos de emprego formal, distribuídos por setores de atividade econômica. Também foram realizadas pesquisas bibliográficas, destacando alguns autores que estudam cidades pequenas (Bacelar, 2012; Fresca, 2010; Moreira Junior, 2013; Soares; Melo, 2010; Sposito; Silva, 2013; Wanderley, 2001).

A execução da pesquisa de campo consistiu na aplicação de 189 questionários à população residente na cidade. A amostra da população foi definida por critérios estatísticos, tomando como base a população urbana, considerando uma margem de erro de 5% e um grau de confiança de 90%. Durante o trabalho de campo, fizemos registros fotográficos para identificar as manifestações materiais das ruralidades no urbano.

2. DIMENSÃO POPULACIONAL: O CONTEXTO BAIANO E DE MUQUÉM DO SÃO FRANCISCO

Os estudos urbanos geralmente acionam, em primeiro lugar, o tamanho populacional como parâmetro de análise, ou pelo menos como ponto de partida para a investigação. Há diversos autores que apontam os limites de trabalhar com o tamanho populacional para o estudo das cidades. Sposito e Silva (2013) consideram que, ao privilegiar a dimensão populacional, limitamos a discussão conceitual, reduzindo a cidade a uma dimensão quantitativa, negligenciando a diversidade e os contextos regionais.

Moreira Junior (2013, p. 24) adverte sobre a complexidade da classificação das cidades, considerando a dimensão populacional, uma vez que:

> Há trabalhos que classificam as cidades pequenas como aquelas com até 2.000 habitantes, outros até 10.000, 20.000, 50.0000, ao mesmo tempo em que há casos que apontam aqueles núcleos urbanos com população entre 50.000 e 100.000 habitantes.

Wanderley (2001, p. 3) considera pequenos municípios “aqueles cuja população urbana não ultrapassa 20.000 habitantes”. A autora se refere aos municípios e à população urbana, não propriamente às cidades, pois nem sempre a população urbana equivale à população da cidade (sede

municipal), uma vez que, na divisão político-administrativa brasileira, as vilas, que são sedes dos distritos, também têm população urbana, contabilizada nos Censos Demográficos. Vale salientar que municípios com população de até 20.000 habitantes podem ter uma sede municipal (cidade) com contingente populacional bem inferior, caso da cidade de Muquém do São Francisco (BA), cuja população compreendia 4.179 habitantes (IBGE, 2022).

Importante lembrar que o adjetivo "pequena", que qualifica o termo "cidade", aponta, de modo quase inescapável, para a necessidade de se levar em conta o tamanho populacional. Como assevera Fresca (2010, p. 76), a "palavra pequena é um adjetivo que remete à noção de tamanho, dimensão e, no caso das cidades, a uma associação entre pequeno número de habitantes com pequena área - no sentido mensurável - ocupada por uma cidade".

Jacobi (1994) faz uma proposta de classificação das cidades latino-americanas, considerando sua dinâmica da urbanização. O autor estabelece três agrupamentos de cidades:

a) Cidades grandes, aquelas que apresentam dois níveis: (i) cidades que abrigam mais de 1 milhão de habitantes e (ii) cidades que abrigam entre 500 mil e 1 milhão de habitantes;

b) Cidades intermediárias, aquelas que também se apresentam em dois níveis: (i) cidades que têm entre 100 mil e 500 mil habitantes e (ii) cidades que têm entre 50 mil e 100 mil habitantes;

c) Cidades pequenas, aquelas que apresentam três níveis de tamanho populacional: (i) cidades com população entre 20 mil e 50 mil habitantes; (ii) cidades que têm entre 10 mil e 20 mil habitantes; e (iii) cidades com tamanho populacional inferior a 10 mil habitantes, ocupando o menor patamar na classificação de cidades proposta pelo autor.

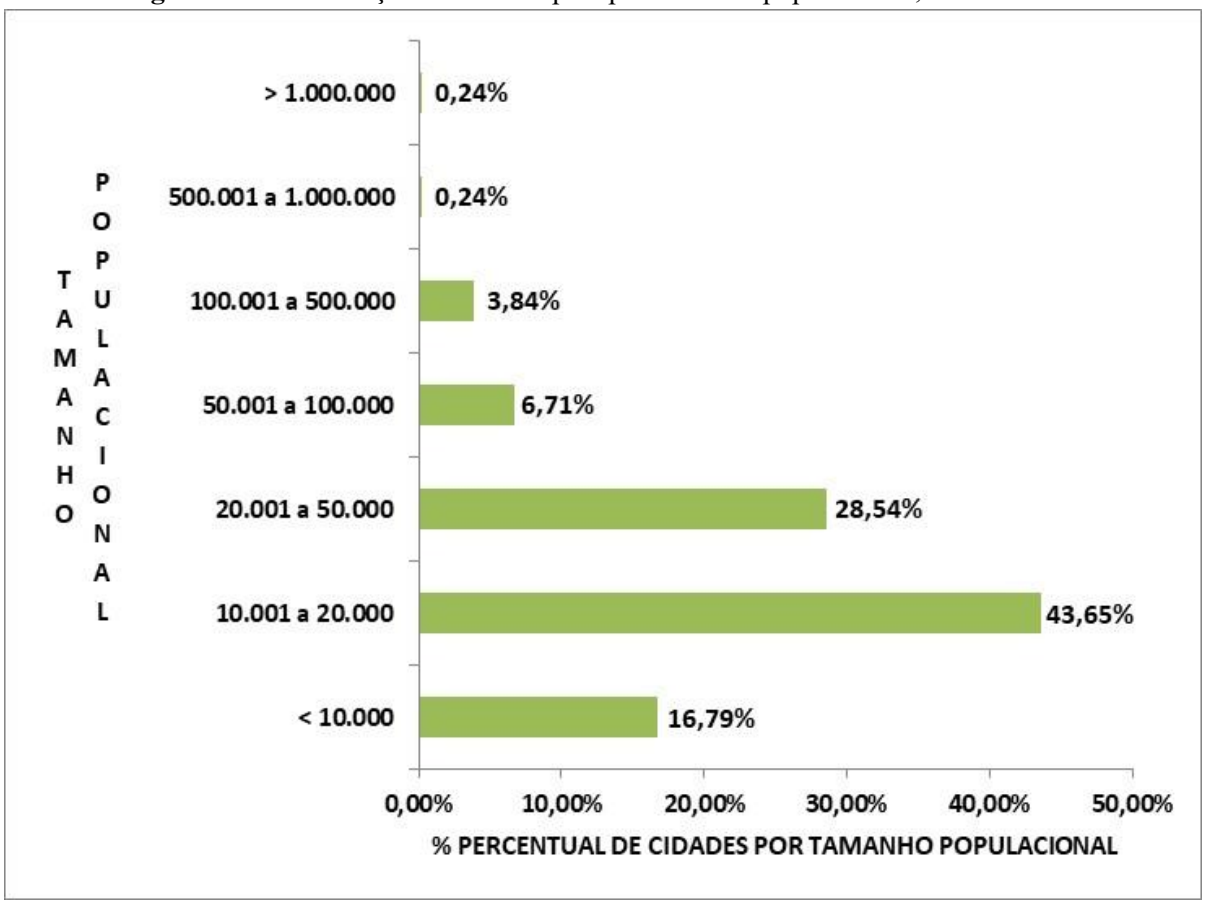
No ano de 2000, o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) categorizou as pequenas cidades em três grupos, variando segundo suas respectivas populações: o primeiro grupo para cidades com até 10.000 habitantes, o segundo vai de 10.001 a 20.000 habitantes e o terceiro de 20.001 a 50.000 habitantes (Bacelar, 2009). Esta é uma proposta classificatória que apresenta conformidade com a proposição de Jacobi (1994).

O IBGE (2010), por sua vez, estabelece uma classificação dos municípios, tomando como parâmetro o tamanho populacional. Nesta classificação, teríamos dois portes identificáveis como cidades pequenas: (i) municípios de pequeno porte 1, com até 20.000 habitantes, e (ii) municípios de pequeno porte 2, com população entre 20.001 e 50.000 habitantes. Considerando essa classificação, conforme dados do Censo Demográfico do IBGE (2022), 69,31% dos municípios brasileiros e 61,59% municípios baianos são considerados de pequeno porte 1 e 18,89% dos municípios brasileiros e 31,18% dos municípios baianos como sendo de pequeno porte 2.

O estado da Bahia é formado por 417 municípios, cujas respectivas sedes equivalem a cidades com diferentes dimensões e características, todavia a grande maioria das cidades baianas

tem pequeno porte em termos de tamanho populacional. No contexto baiano, considerando o Censo Demográfico (IBGE, 2022), e tendo como objeto a distribuição dos municípios por dimensão populacional, verificamos a seguinte situação: de um total de 417 municípios, 60,43% têm menos de 20.000 habitantes; 28,54% têm entre 20.001 e 50.000 habitantes; 6,71% têm entre 50.001 e 100.000 habitantes; 3,84% têm entre 100.001 e 500.000 habitantes; e apenas 0,48% têm população acima de 500.000 habitantes (Figura 01).

Figura 01 - Distribuição dos municípios por tamanho populacional, Bahia - 2022



Fonte: IBGE – Censo Demográfico, 2022. Elaborado pelos autores (2025).

De acordo com os parâmetros classificatórios estabelecidos por Jacobi (1994), pelo IPEA em 2000 e pelo IBGE (2024), a cidade de Muquém do São Francisco (BA) pode ser considerada pequena em termos de dimensão populacional (Tabela 01).

O distrito Piragiba, criado em 1943, subordinado ao município de Barra, somente no ano de 1989 foi elevado à categoria de município, com a denominação de Muquém do São Francisco. O IBGE (2022) resume o processo de ocupação territorial e a origem do topônimo da cidade do seguinte modo:

> Tropeiros e garimpeiros vindos da Chapada Diamantina em busca de gado e pedras preciosas em Goiás e Mato Grosso atravessando o Rio São Francisco em pequenas balsas feitas de madeira, passando por essas trilhas acampavam no pequeno vale em baixo de árvores frondosas para pousar e procurar caça e pesca para sua alimentação. Depois de

> vários anos de trajeto, eles descobriram que aquelas árvores serviam também para muquiar (defumar) a caça e a pesca que existia em abundância na região. Este percurso era constante por garimpeiros e tropeiros que já tinham um lugar escolhido para acampar devido à utilidade desta árvore de defumar os alimentos. E por esta razão deram este nome ao local.

A Tabela 01 mostra o crescimento populacional do munícipio de Muquém do São Francisco nas últimas três décadas, revelando que houve acréscimo populacional entre os anos de 1991 (8.257 habitantes) e de 2022 (10.443 habitantes), da ordem de 26%.

O município de Muquém do São Francisco tinha uma população urbana inferior a 5 mil habitantes no ano de 2022. Uma característica marcante nos municípios baianos é o decréscimo da população rural, acompanhando o movimento global de urbanização. Todavia a representatividade da população rural de Muquém do São Francisco ainda era muito significativa no ano de 2022 (60%). Importante destacar que, em 2022, a população urbana do estado da Bahia já tinha atingindo 77% (IBGE, 2022), verifica-se, portanto, que a realidade urbana de Muquém do São Francisco destoa completamente da tendência de urbanização predominante na Bahia e no Brasil.

Tabela 01: População por situação de domicílio do município de Muquém do São Francisco (BA), 1991-2022

ANO	POPULAÇÃO URBANA	POPULAÇÃO RURAL	POPULAÇÃO TOTAL	POPULAÇÃO RURAL (%)
1991	807	7.450	8.257	90%
2000	997	8.055	9.052	89%
2010	1.283	8.989	10.272	88%
2020	4.179	6.264	10.443	60%

Fonte: IBGE, Censo Demográfico, 1991, 2000, 2010 e 2022. Elaborada pelos autores (2025).

Bacelar (2012) define as cidades pequenas tendo como referência os aspectos político-administrativos, mais especificamente da extrema dependência do poder público, ousando delimitá-las tomando como um dos critérios a dimensão populacional.

> Pequenas cidades são aquelas com população inferior a 10.000 habitantes, em que a base produtiva e de empregos é reduzida, seus habitantes vivem em quase total estado de dependência do poder público, exemplificado pelas prefeituras, que se tornam o maior empregador, e seus recursos ou receita tributária não representam a principal fonte de receita (Bacelar, 2012, p. 87).

Segundo Bacelar (2008, p. 3), as pequenas cidades brasileiras são marcadas por um modo muito próprio de relações entre a população e a administração pública:

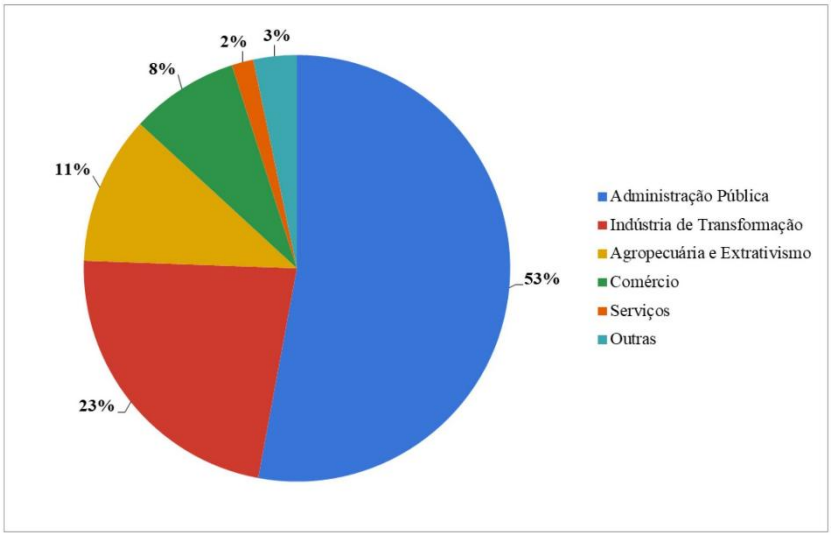
> [...] isto tem razão de ser devido a três fatores conjugados: as relações sóciopolíticas entre a população e o Estado (municipal) são mais estreitas nestas localidades que em outras cidades de maior porte demográfico; o peso da municipalização imposta pela Constituição Federal de 1988 e a crise administrativa nestas localidades, derivada do conflito entre a administração "moderna" e a patrimonialista, que em nosso entender tem a ver com a herança histórica ibérica (estruturalmente lusitana). Esta herança histórica é ainda muito forte e presente na forma de administrar o bem público na pequena cidade, estabelecendo uma estreita relação entre a população residente e as maneiras de administrar o bem público, que invariavelmente se choca com premissas modernas de administrar o bem público, em que o padrão de excelência administrativa da modernidade transfere-se do setor privado para o público.

A análise dos estoques de empregos formais em Muquém do São Francisco (BA), segundo os setores de atividades, Figura 02, nos permite algumas conclusões. Verifica-se a forte dependência econômica da população em relação à administração municipal, demonstrada pelos números de empregos formais no setor público (53%). Bacelar (2009, p. 10) assinala que "o Estado-município opera como grande empregador e promotor de ações econômico-produtivas e sociais". Há, nesse sentido, uma forte dependência das ações das prefeituras municipais, muitas vezes usadas como estratégia eleitoral e como forma de reprodução das relações de dominação política. Soares e Melo (2010, p. 242) apontam a existência de estreitas relações "[...] entre a população e os agentes políticos locais, marcados pela dependência, assistencialismo e atenção pessoais (questões tratadas no âmbito da pessoalidade) [...]".

A indústria de transformação também apresenta estoque de emprego formal importante (23%), que decorre predominantemente da existência da atividade de beneficiamento de carne bovina no município. O setor agropecuário, por sua vez, ainda mantém um importante contingente de empregos formais (11%), dado que pode ser explicado pelos expressivos números da população rural do município (Tabela 01).

Os setores do comércio (8%) e dos serviços (2%) apresentam pequena representatividade no contexto municipal. Considerando que se trata de atividades tipicamente urbanas, é importante reconhecer que o peso desses dois setores revela a dinâmica econômica própria das cidades, pois são aqueles que apresentam maior alargamento quando as cidades crescem. Desse modo, os dados revelam o pequeno dinamismo da cidade Muquém do São Francisco e sinaliza que a pequena oferta de bens e serviços na cidade mostra forte dependência a um sistema urbano-regional.

Figura 02: Postos de emprego formal, distribuídos por setores de atividade econômica, e percentual de empregos vinculados à Administração Pública, Muquém do São Francisco (BA) – 2017



Fonte: SEI. Panorama Socioeconômico dos Municípios, 2019. Elaborado pelos autores (2023).

Importante considerar que, os dados populacionais que demarcam o debate sobre o porte demográfico das cidades, assim como, os dados formais de emprego acerca das cidades pequenas devem ser relativizados, considerando que: (i) não é apenas o tamanho da população que define a tipologia das cidades e; (ii) os níveis de informalidade nas atividades do campo são significativos nas cidades pequenas. Portanto, tratam-se de variáveis analíticas que devem compor o quadro de interpretação das cidades.

3. MUQUÉM DO SÃO FRANCISCO E SUA RELAÇÃO COM A REDE URBANA DO OESTE BAIANO

Os estudos das redes urbanas consideram o papel dos centros urbanos na conformação de uma rede na distribuição de bens e serviços, como uma de suas dimensões analíticas. Inspiração clássica é a Teoria das Localidades Centrais, que concebe o sistema urbano em termos de hierarquia. Fresca (2010, p. 77) assevera:

> A demanda por bens e serviços traduz localizações diferenciadas, pois há produtos e serviços de consumo frequente e pouco frequente, permitindo estabelecer o alcance espacial máximo e mínimo de cada produto. Desta diferenciação na oferta dos bens e serviços, emerge uma diferenciação entre as localidades centrais, que, segundo a teoria, é uma diferenciação de caráter hierárquico.

Desse modo, “as localidades de mais baixo nível hierárquico distribuem e ofertam apenas bens e serviços de consumo muito frequente, sendo denominadas de centros locais” (Fresca, 2010, p. 77). Segundo Fresca (2010), a expressão cidade pequena pode ser usada não apenas para os centros locais, isto é, aqueles que têm complexidade de atividades em nível mínimo, mas para cidades que não podem ser consideradas intermediárias ou metrópoles, mas que apresentam complexidade de atividades acima do nível mínimo.

Corrêa (2011, p. 8) traça um perfil das cidades pequenas brasileiras na década de 1950, período em que o Brasil ainda experimentava industrialização e urbanização incipientes, que impactavam de modo diferente o território brasileiro. No contexto, a cidade pequena “constituía um nó fundamental na rede de relações econômicas envolvendo o urbano e o rural”, oferecendo “poucos serviços à sua população e à de sua hinterlândia”.

Monte Mór (2005, p. 436), fazendo um esforço de identificação do padrão de urbanização no Brasil no início do século XXI, aponta alguns processos espaciais que marcam a nossa configuração espacial. Para Monte Mór (2005), verificam-se o adensamento e a concentração de população em grandes e médias aglomerações, em especial naquelas localizadas nas regiões metropolitanas, como também a desconcentração e a expansão urbano-industrial em direção às cidades médias e mesmo às cidades pequenas. Observa-se também, segundo Monte Mór (2005), avanços da urbanização em centros urbanos isolados em todas as regiões do país, processo em que

as cidades médias passam a desempenhar fortes papéis polarizadores em áreas menos populosas, articulando redes urbanas regionais.

Para Motta e Ajara (2001), nos sistemas urbano-regionais brasileiros, destacam-se três aspectos fundamentais:

(i) Densidade: número de centros urbanos que compõem o sistema urbano-regional;

(ii) Topologia: refere-se aos fluxos de bens e serviços entre as cidades que integram o sistema urbano-regional; e

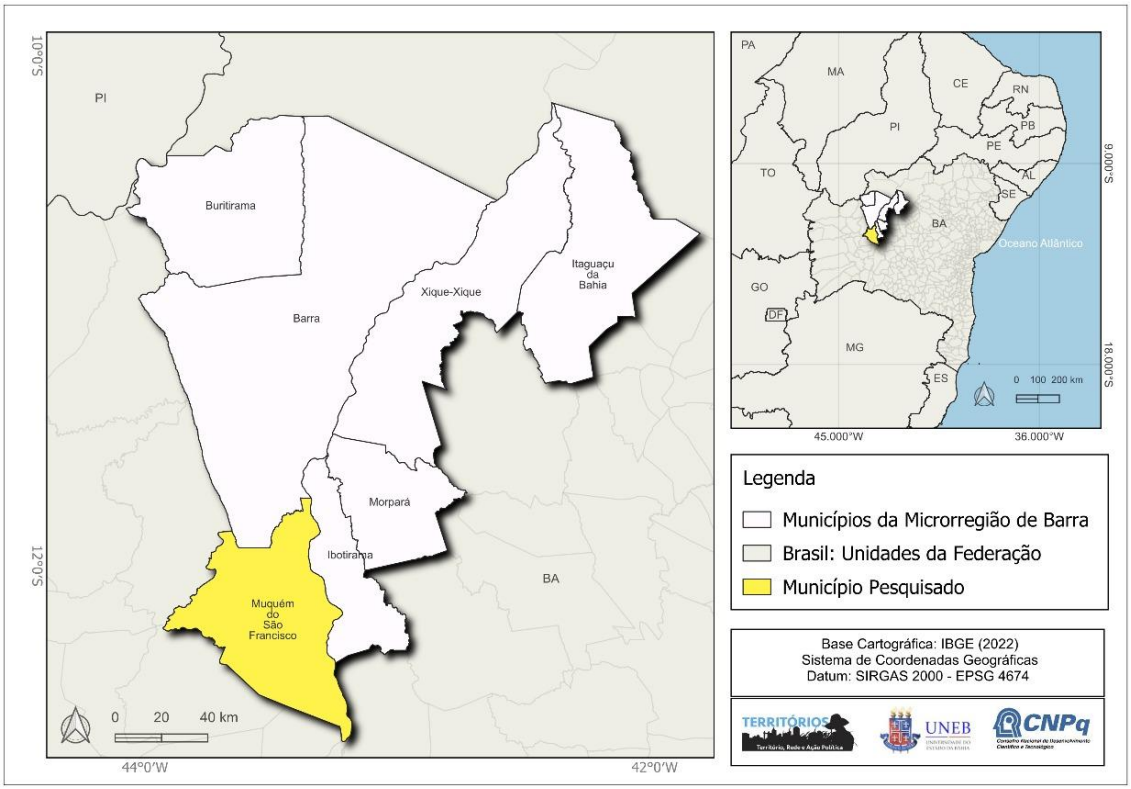
(iii) Hierarquia: refere-se ao ordenamento espacial das funções urbanas.

Fresca (2010) alerta sobre a necessidade de compreender a inserção da cidade pequena em uma dada rede urbana ou região para evitar o risco de igualar cidades com população semelhante, mas que são, em sua essência, diferentes. Assim, uma cidade pequena que integra uma rede urbana na Região Geográfica Imediata de Londrina (norte paranaense) não pode ser facilmente comparada com uma cidade pequena que integra a rede urbana da Região Geográfica Imediata de Xique-Xique-Barra (noroeste baiano), caso de Muquém do São Francisco.

A localização geográfica é um aspecto importante a ser considerado, tendo em vista que pode diferenciar as cidades em suas funções urbanas e nos papéis que elas desempenham na própria rede urbana. Para Moreira Junior (2013, p. 26), há "diferenças entre as cidades pequenas localizadas em áreas metropolitanas e aquelas que se encontram em áreas não metropolitanas". Ou ainda, verificamos "diferenças entre cidades localizadas em áreas densamente povoadas e aquelas encontradas em regiões com baixa densidade". Moreira Junior (2013, p. 26), nos lembra de que "há cidades com cerca de 50 mil habitantes com características de uma cidade média em regiões de baixa densidade demográfica".

Localizado na Microrregião de Barra, o município de Muquém do São Francisco é constituído apenas do distrito sede e tem uma área territorial de 3.853,2 km², fazendo divisa com os municípios de Barra, Ibotirama, Paratinga, Sítio do Mato, Brejolândia e Wanderley. A Microrregião de Barra é constituída por sete municípios (Figura 03). O baixo contingente populacional é uma das características da microrregião, cuja principal cidade, Barra, não ultrapassa 55 mil habitantes.

Figura 03 - Localização do município de Muquém do São Francisco na Microrregião de Barra (BA) - 2024



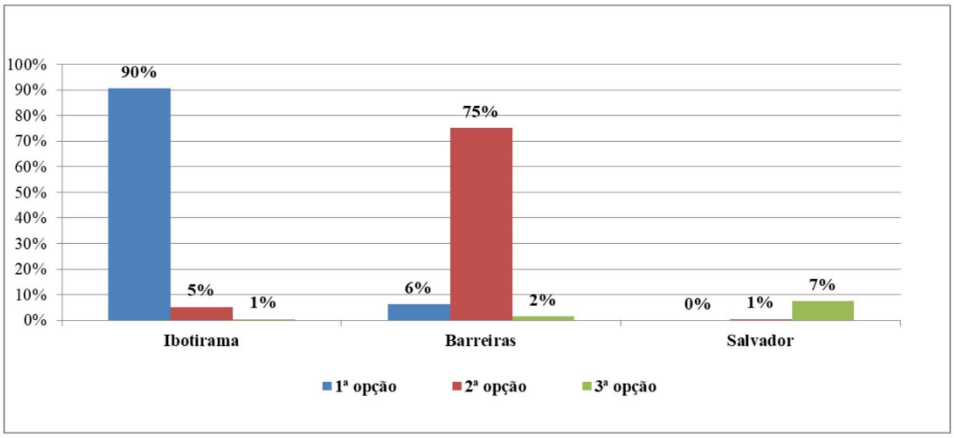
Elaboração: Grupo de Pesquisa Territórios, 2024.

Para Soares e Melo (2010, p. 243), "a maioria das pequenas cidades apresenta um processo de urbanização frágil, consequência, sobretudo, da concentração de atividades econômicas e da oferta de serviços nos grandes e médios centros urbanos [...]". Pode-se inferir que a distância, aliada à pequena oferta de transporte regular, assim como a densidade da oferta de bens e serviços em um determinado centro urbano sejam os elementos que mais influenciam na preferência das pessoas na busca de produtos e serviços em cidades que integram uma microrregião, ficando, portanto, em alguns casos, o deslocamento até a capital do estado como última opção.

Os dados da pesquisa de campo revelaram que 90% dos entrevistados buscam, por produtos não encontrados em Muquém do São Francisco, a cidade de Ibotirama como primeira opção, o que ocorre fundamentalmente em razão da menor distância entre as duas cidades (aproximadamente 46 km). Como segunda opção, 75% dos entrevistados apontaram a cidade de Barreiras. O fato se deve à posição de polarização exercida por essa cidade na região oeste da Bahia, com contingente populacional de 159.734 habitantes. Além das cidades supramencionadas, também apareceu como terceira opção, mas com menor percentual de indicação (7%), a cidade de Salvador, capital do estado (Figura 04).

Figura 04 - Principais cidades onde o residente busca produtos não disponíveis na sua cidade

(amostra). Muquém do São Francisco (BA) – 2021

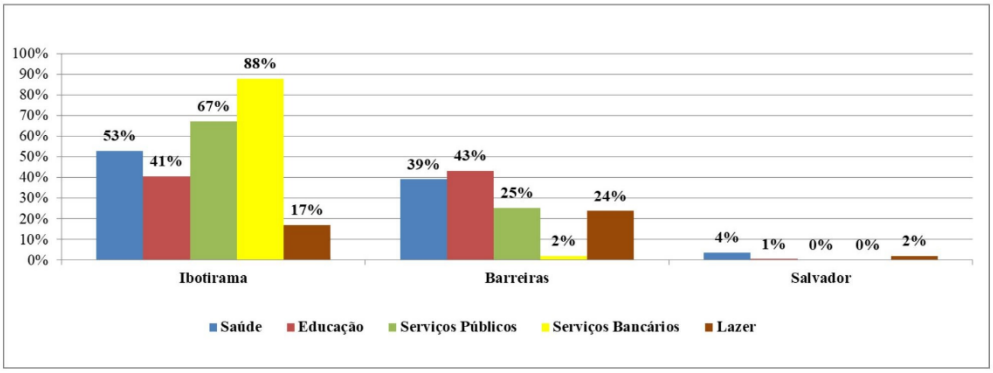


Fonte: Trabalho de Campo (2021). Elaborado pelos autores (2023).

Observa-se que, em relação à busca por serviços de saúde e educação, os entrevistados indicaram a cidade de Ibotirama (respectivamente, 53% e 41%), mas, a cidade de Barreiras também foi apontada como uma importante opção de acesso a estes serviços (respectivamente, 39% e 43%). Em relação à busca por serviços públicos e bancários, a cidade de Ibotirama é a mais procurada pela população residente em Muquém do São Francisco. Já para a atividade de lazer, a cidade de Barreiras é a mais procurada (Figura 05).

Quando analisamos a busca dos residentes de Muquém do São Francisco por produtos e serviços que não estão disponíveis em sua cidade, percebemos que, apesar de esta cidade integrar a microrregião de Barra, o fluxo de pessoas e, consequentemente, as relações funcionais se apresentam mais dinâmicas com as cidades de Ibotirama e de Barreiras (Figuras 04 e 05).

Figura 05 - Principais cidades onde o residente busca serviços não disponíveis na sua cidade (amostra). Muquém do São Francisco (BA) - 2021



Fonte: Trabalho de Campo (2021). Elaborado pelos autores (2023).

Os dados apontados nas Figuras 04 e 05 nos conduzem a inferir que a escolha dos citadinos ocorre pelo fato de a distância percorrida entre Muquém do São Francisco e Ibotirama ser mais curta (46,8 km), demandando menor tempo de viagem (55 min), e também porque a cidade de

Barreiras (183 km) dispõe de maior oferta de produtos e serviços que Barra para o atendimento à demanda regional, mesmo considerando que o tempo de viagem (2h 35min) para tal deslocamento seja significativamente maior (Tabela 02).

Tabela 02 - Distância e Tempo de Viagem de Muquém do São Francisco para as cidades procuradas pela população para atendimento de bens e serviços urbanos

PRINCIPAIS CIDADES	DISTÂNCIA PARA MUQUÉM DO SÃO FRANCISCO (km)	TEMPO DE VIAGEM (horas)
Salvador	711,0	10h 41min
Feira de Santana	595,0	9h 9min
Barra	157,0	2h 13min
Barreiras	183,0	2h 35min
Brasília	786,0	10h 28min
Ibotirama	46,8	55min

Fonte: Google Maps, 2022. Elaborada pelos autores (2023).

Algumas cidades localizadas em microrregiões, cujo contingente populacional se apresenta pouco denso e a oferta de produtos e de serviços é limitada para o atendimento à demanda regional, aliado a poucas condições de acesso aos transportes e à trafegabilidade, conduzem a maioria da população a se deslocar para cidades-polo de outras microrregiões. Este é o caso das relações funcionais entre Muquém do São Francisco e Barreiras, principal centro regional do oeste baiano, com população superior a 159 mil habitantes e uma densa e variada oferta de bens e serviços.

Nesse sentido, considerando a relação entre tamanho populacional e dinamismo econômico das cidades analisadas, os dados obtidos pela pesquisa de campo apontam que a oferta de bens, produtos e serviços nas pequenas cidades não atende à demanda intraurbana, gerando uma dinâmica de fluxos populacionais que, dependendo da posição relativa da cidade, transcende a microrregião. De acordo com Moreira Junior (2013, p. 26), "Os trabalhos geográficos que assumem esta perspectiva analítica avaliam, sobretudo, o grau de subordinação destas cidades em relação à região na qual se localiza".

4. AS RELAÇÕES CAMPO-CIDADE E AS RURALIDADES NO URBANO EM MUQUÉM DO SÃO FRANCISCO (BA)

As reflexões sobre a relação campo-cidade assumiram, muitas vezes, um viés urbano-centrado, cujas visões defenderam a existência de um processo de "urbanização da sociedade" (Lefebvre, 1999, 2001) e do território (Santos, 1993) e preconizaram o fim do rural (Silva, 1999). Segundo Carneiro (1998), a interpretação predominante aponta para um processo flagrante de homogeneização, reduzindo a tradicional distinção entre o rural e o urbano, que levaria à conformação de um *continuum* no qual prevalece a cena urbana.

Rua (2006) identifica a presença de "urbanidades no rural", que podem ser definidas como manifestações do urbano em áreas rurais sem que esses espaços sejam transformados em urbanos. Essas marcas do urbano atravessando o rural atribuem novos conteúdos e novas características ao campo.

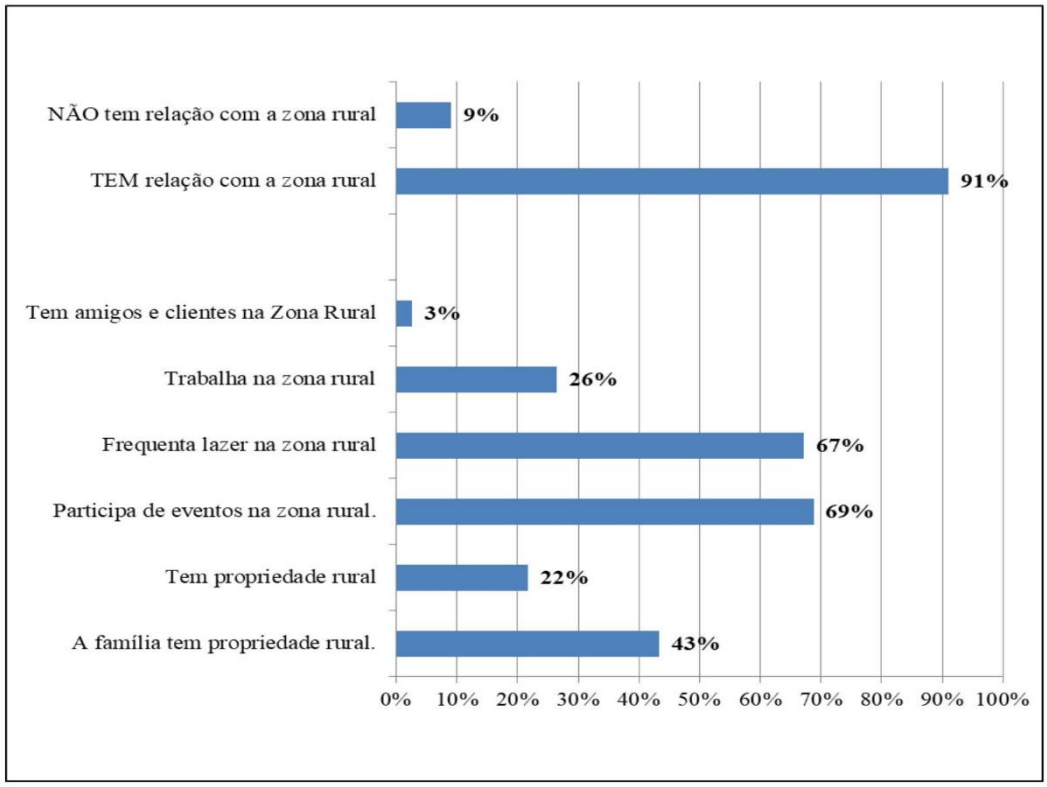
Concordamos com a assertiva de que conteúdos urbanos atravessam o rural, conferindo-lhe novas formas-conteúdos, mas advogamos a coexistência do processo inverso, isto é, a presença de ruralidades no espaço urbano, sobretudo nas pequenas cidades baianas. Desse modo, estamos considerando a possibilidade de leitura da dinâmica socioespacial das pequenas cidades, com amparo no pressuposto de que as ruralidades marcam e conformam essas cidades, ou seja, são presenças que permanecem expressivas na cena urbana. Lima-Payaya (2021) e Coelho Neto (2021), em um esforço de demarcação dos conceitos necessários à investigação da cidade pequena, reforçam os conteúdos rurais que atravessam as cidades pequenas, enfatizando a interface urbano-rural.

Sobre a imbricação campo-cidade e o grau de ruralidade das cidades pequenas, Wanderley (2001, p. 1) afirma:

> Duas constatações me chamaram a atenção no curso da pesquisa: por um lado, a maioria da população rural do país vive nas zonas rurais dos pequenos municípios e, pelo menos em algumas regiões, a população rural é majoritária nos municípios com até 20 mil habitantes (em certos casos, até 50 mil habitantes); por outro lado, as pequenas cidades, consideradas urbanas pelo IBGE, conhecem uma experiência urbana, que é, frequentemente, frágil e precária.

Portanto, estamos insistindo na ideia de que há estreitas relações entre a população das cidades pequenas e seu entorno rural imediato. O resultado do trabalho de campo, expresso na Figura 06, é inequívoco, visto apontar que 91% da população consultada acusa a existência de relações com o campo. Tratam-se de múltiplas e de diversificadas formas de relacionamento com o rural: 69% dos citadinos participam de eventos no espaço rural; e 67% buscam o campo para as atividades de lazer. Impressionam outros vínculos estabelecidos com o campo, estruturados nas relações de propriedade da terra, pois 22% da população consultada têm propriedade rural e 43% têm familiares com propriedades rurais.

Figura 06 - Tipo de relação da população residente com a zona rural, Muquém do São Francisco (BA) - 2021

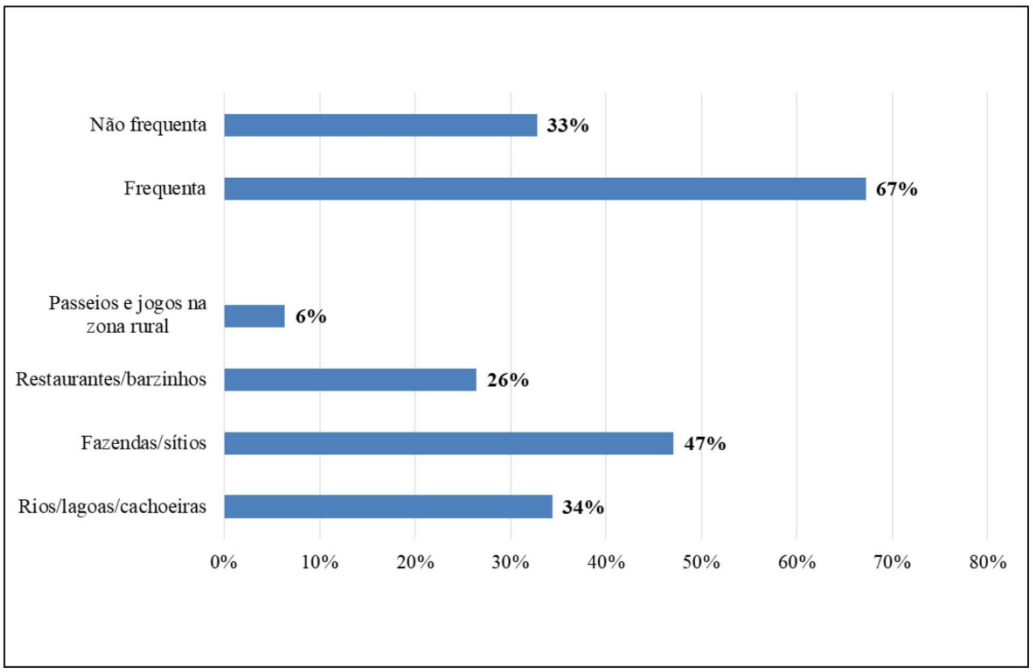


Fonte: Trabalho de Campo (2021). Elaborado pelos autores (2023).

A relação de propriedade com a terra (individual ou familiar) indicou a existência de agricultores vivendo nas cidades. No caso estudado, foi identificado que 35 dos 189 entrevistados, ou seja, 19% dos citadinos trabalham na zona rural. Esse é um fenômeno apontado pela literatura, interpretado como reflexo da modernização da agricultura, que promove a expropriação dos pequenos agricultores e a exploração dos trabalhadores rurais, o êxodo rural em face da falta de alternativas e de emprego, e grande concentração fundiária e, consequentemente, de renda no campo (Oliveira, 1996; Silva, 1996).

A propriedade rural se torna também uma opção para o lazer (Figura 07), atividade pouco diversa nas cidades pequenas. Desse modo, 67% dos residentes na cidade de Muquém do São Francisco (BA) revelaram que frequentam o campo para atividades de lazer. Essas atividades geralmente são as festas e comemorações nas fazendas ou sítios (47%), os banhos de rios, lagoas e cachoeiras (34%) e a frequência a bares, restaurantes e a realização de passeios (trilhas, visita a parentes, acampamentos, andar a cavalo) no espaço rural (32%). É significativa também a participação em jogos na zona rural, predominando os jogos de futebol e o baralho com amigos.

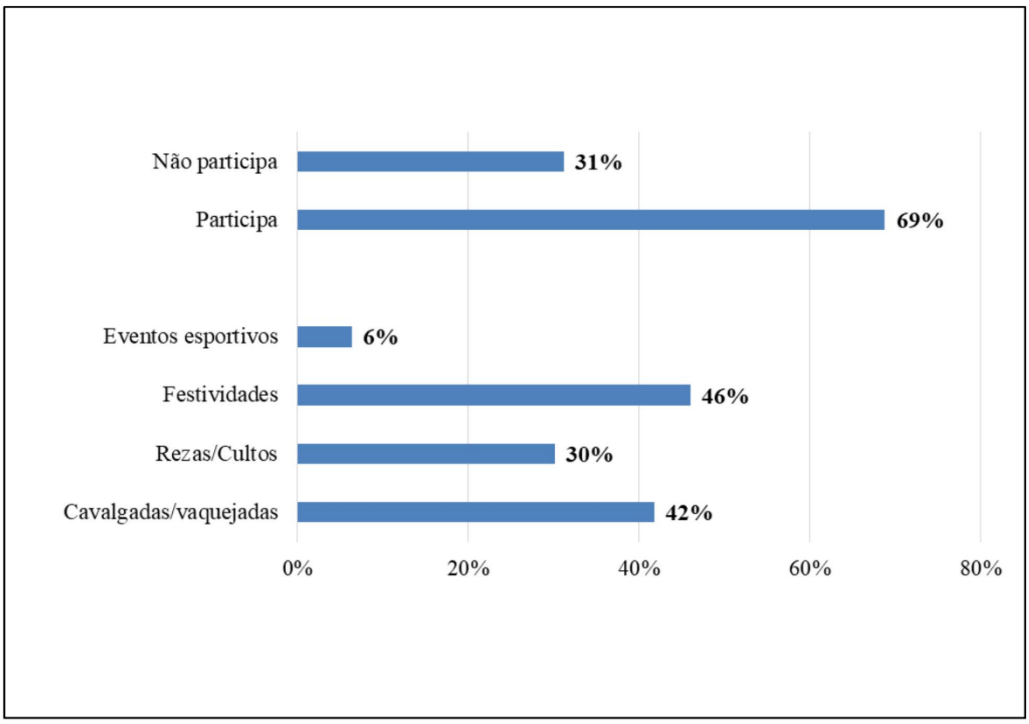
Figura 07 - Lugares e atividades de lazer na zona rural frequentados pela população residente na cidade de Muquém do São Francisco (BA) - 2021



Fonte: Trabalho de Campo (2021). Elaborado pelos autores (2023).

A Figura 08 mostra as manifestações culturais das quais a população residente na cidade de Muquém do São Francisco (BA) participa no espaço rural, a exemplo de festividades (46%), cavalgadas e vaquejadas (42%), rezas e cultos (30%) e passeios e jogos (6%). Participar de eventos (festividades, cavalgadas, vaquejadas, rezas, cultos, casamentos, aniversários, inaugurações de obras, quadrilha nos povoados, samba de roda, festas juninas e de padroeiro), frequentando os espaços-lugares rurais como atividade de lazer, indica um modo de vida ainda fortemente marcado por características rurais, informando comportamentos, valores e hábitos rurais que permeiam/perpassam e conformam o modo de vida das/nas cidades pequenas.

Figura 08: Manifestações culturais que a população residente na cidade de Muquém do São Francisco (BA) participa na zona rural, 2020



Fonte: Trabalho de Campo (2021). Elaborado pelos autores (2023).

O argumento de Lindner (2012) reforça o nosso entendimento sobre a presença de conteúdos rurais que marcam o cotidiano das cidades pequenas, afinal se trata de valores e de tradições rurais que permanecem e atravessam o modo de vida nas cidades pequenas.

> As especificidades do rural, muitas vezes também podem ser percebidas em pequenas cidades ou vilarejos. Nesses locais existe uma grande carga cultural, que pode ser traduzida através do apego às tradições, muito evidenciadas nas relações sociais da população, sua religiosidade, festividades, gastronomia e economia (Lindner, 2012, p. 21).

Moreira Junior (2013) reforça aquilo que estamos defendendo e que constatamos em campo, revelando a presença de conteúdos rurais que atravessam a dinâmica socioespacial das pequenas cidades. Isso nos faz pensar em regularidades, formas-conteúdos que se repetem nos espaços urbanos e anunciam a persistência do rural no urbano.

> Essa discussão sobre o caráter urbano das cidades pequenas pode ser notada ainda nos trabalhos de Lopes (2006), Queiroz (2008) e Silva, L. (2010). Os três pesquisadores identificam a estreita relação existente entre cidade e campo, na qual atividades não urbanas tomam forma nas cidades e se materializam tanto em seu espaço físico quanto nas ações contidas no plano imaterial, como costumes, hábitos e pensamentos (Moreira Junior, 2013, p. 27).

Além da dimensão imaterial presente nos valores, hábitos e práticas sociais tipicamente rurais que se manifestam e constituem o modo de vida nas cidades pequenas, são verificados também elementos materiais, isto é, formas próprias do rural, que se materializam no urbano,

constituindo a base da vida social, conformando a tessitura espacial da cidade pequena (Figuras 09 e 10).

Figura 09 - Indistinção entre urbano e rural, Muquém do São Francisco (BA)

Fonte: Pesquisa de Campo (2021).

Figura 10 - Cerca de madeira delimitando o quintal da residência, Muquém do São Francisco (BA)

Fonte: Pesquisa de Campo (2021).

Um aspecto material que marca a paisagem urbana das cidades pequenas, merecendo destaque pela sua expressividade nas cidades baianas, é a indistinção entre o urbano e o rural. As Figuras 09 e 10 mostram um espaço urbano atravessado por paisagens rurais. Os limites demarcatórios entre a cidade e o campo são inequivocamente tênues e imprecisos, reveladores de uma transição conflituosa entre o urbano e o rural, denunciada pela precariedade de infraestrutura urbana e pela presença da natureza e dos animais. Nesses casos, torna-se difícil saber com exatidão onde termina a cidade e começa o campo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados desta pesquisa validam as quatro dimensões analíticas para o estudo das cidades pequenas delimitadas no âmbito deste texto como recurso teórico-metodológico: (i) a dimensão/tamanho populacional, (ii) a dependência da população em relação à administração pública municipal, (iii) a inserção da cidade pequena em uma rede urbana regional e (iv) as relações campo-cidade e ruralidades no urbano.

A dimensão ou tamanho populacional é um ponto de partida necessário para definição e classificação das cidades. Oferece parâmetros para aproximação do fenômeno urbano por indicar a existência de um mercado mais ou menos denso na oferta de bens e serviços. É importante ressaltar que o baixo contingente populacional se reflete na pequena oferta de produtos e serviços encontrados nas cidades pequenas que integram uma determinada região, fato verificado em Muquém do São Francisco.

Desse modo, apreender as relações funcionais estabelecidas entre uma ou mais cidades pequenas e um centro regional no âmbito de uma rede urbana é fundamental para a compreensão da

sua dinâmica socioespacial. No caso estudado, isto é, no que se refere à inserção de Muquém do São Francisco no contexto regional, verificou-se que a população está disposta a percorrer maiores distâncias para atender a suas demandas por serviços de saúde e educação (atendidas pela cidade de Barreiras), enquanto as demandas por serviços públicos e bancários são predominantemente atendidas na cidade mais próxima (Ibotirama).

O número de empregos formais no setor público indicou certo grau de dependência econômica da população de Muquém do São Francisco em relação à administração municipal, considerando que o município atua como importante empregador e promotor de ações econômico-produtivas e sociais. Essa é uma realidade flagrante no contexto das pequenas cidades baianas, isto é, as prefeituras se configuram como um dos principais agentes geradores de emprego e renda.

A intensidade das relações campo-cidade e a marca expressiva das ruralidades no urbano, características muito comuns nas cidades pequenas da Bahia, foram também observadas na cidade de Muquém do São Francisco, reforçando a necessidade de investigação dos conteúdos rurais para fazer uma leitura da dinâmica socioespacial das cidades pequenas.

REFERÊNCIAS

BACELAR, Winston Kleiber de Almeida. **A pequena cidade nas teias da aldeia global:** relações e especificidades sociopolíticas nos municípios de Estrela do Sul, Cascalho Rico e Grupiara (MG). 2008. Tese (Doutorado) – Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia-MG, 2008.

BACELAR, Winston Kleiber de Almeida. Pequenas cidades: uma caracterização. In: ENCONTRO DE GRUPO DE PESQUISA: Agricultura, Desenvolvimento e Transformações Socioespaciais 5. 2009, Santa Maria (RS). **Anais [...]**. Santa Maria (RS): Grupo de Pesquisa em Educação e Território (UFSM), 2009.

BACELAR, Winston Kleiber de Almeida. Análise da pequena cidade sob o ponto de vista político-administrativo. In: DIAS, Patrícia Chame; SANTOS, Jânio (Orgs). **Cidades médias e pequenas**: contradições, mudanças e permanências nos espaços urbanos. Série Estudos e Pesquisas, v. 97. Salvador: SEI, 2012. p. 81-101.

CARNEIRO, Maria José. Ruralidade: novas identidades em construção. **Estudos, Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, n. 11, p. 53-75, out. 1998.

COELHO NETO, Agripino Souza, et al. A cidade pequena na interface urbano-rural: demarcando conceitos necessários à investigação. In: SILVA, Onildo Araújo da. (Org.). **A cidade pequena na interface urbano-rural**: um olhar sobre o Território do Sisal. Rio de Janeiro: Consequência, 2021. p. 27-48.

CORRÊA, Roberto Lobato. As Pequenas Cidades na Confluência do Urbano e do Rural. **GEOUSP - Espaço e Tempo**, São Paulo, n. 30, p. 05-12, 2011.

FRESCA, Tânia Maria. Centros Locais e Pequenas Cidades: Diferenças Necessárias. **Mercator**, v. 9, n. 20, p. 75-81, set./dez. 2010.

GOOGLE MAPS. Disponível em:< https://www.google.com/maps/ >. Acesso em: 30 jul. 2022.

HENRIQUE, Wendel. Do rural ao urbano: dos arquétipos a espacialização das cidades pequenas. In: DIAS, Patrícia Chame; SANTOS, Jânio (Orgs). **Cidades médias e pequenas**: contradições, mudanças e permanências nos espaços urbanos. Série Estudos e Pesquisas, v. 97. Salvador: SEI, 2012. p. 63-80.

IBGE. **Censo Demográfico 1991**. Rio de Janeiro: IBGE, 1991.

IBGE. **Censo Demográfico 2000**. Rio de Janeiro: IBGE, 2000.

IBGE. **Censo Demográfico 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

IBGE. **Censo Demográfico 2022**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em:< https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/>. Acesso em: 05 ago. 2023.

JACOBI, Pedro Roberto. Las causas recientes del crecimiento urbano actual en América Latina e las tendencias de corto plazo. In: CHORNET, A. P. (Org.). **Las ciudades de América Latina:** problemas y oportunidades. Valencia: Universidad de Valencia, 1994. p. 73-80.

LEFEBVRE, Henri. **A Revolução Urbana**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

LIMA-PAYAYA, Jamile Silva et. al. Espaço e lugar, urbano e rural: demarcando conceitos necessários à investigação da cidade pequena. **Ciência Geográfica**, v. XXV, p. 383-394, 2021.

LINDNER, Michele. A organização do espaço sob o olhar das ruralidades: São João do Polêsine (RS). **Geografia. Ensino & Pesquisa**, v. 16, n. 3, p. 19-36, set./dez. 2012.

MOTTA, Diana; AJARA, Cesar. Configuração da rede urbana no Brasil. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, Curitiba, n. 100, p. 7-25, jan./jun. 2001.

MOREIRA JUNIOR, Orlando. As Cidades Pequenas da Geografia Brasileira: A Construção de uma Agenda de Pesquisa. **GEOUSP - Espaço e Tempo**, São Paulo, n. 35, p. 19-33, 2013.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **Modo capitalista de produção e Agricultura**. São Paulo: Ática, 1996.

RUA, João. A Ressignificação do Rural e as Relações Cidade-Campo: uma contribuição geográfica. **Revista da ANPEGE**, Fortaleza, v. 1, n. 1, p. 45-66, 2006.

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1993.

SEI. Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia. **Panorama Socioeconômico dos Municípios (2019).** Indicadores Municipais: Muquém do São Francisco. Disponível em: https://sei.ba.gov.br/images/informacoes_por/municipio/indicadores/indicadores_2922250.pdf. Acesso em: 18 out. 2023.

SILVA, José Graziano da. **A nova dinâmica da agricultura brasileira**. Campinas-SP: UNICAMP, 1996.

SILVA, José Graziano da. **O Novo Rural Brasileiro**. 2. ed. Campinas: UNICAMP/IE, 1999.

SOARES, Beatriz Ribeiro; MELO, Nágela Aparecida de. Cidades médias e pequenas: reflexões sobre os desafios no estudo dessas realidades socioespaciais. In: LOPES, Diva Maria Ferlin; HENRIQUE, Wendel (Orgs). **Cidades médias e pequenas**: teorias, conceitos e estudos de caso. Série Estudos e Pesquisas, v. 87. Salvador: SEI, 2010. p 93-105.

SPOSITO, Eliseu Savério; SILVA, Paulo Fernando Jurado. **Cidades Pequenas**: perspectivas teóricas e transformações socioespaciais. Jundiaí: Paco Editorial, 2013.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. Novas redes urbanas: cidades médias e pequenas no processo de globalização. **Geografia**, Rio Claro, v. 35, n. 1, p. 51-62, jan./abr. 2010.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. **Urbanização e ruralidade**: relações entre a pequena cidade e o mundo rural. Estudo preliminar sobre os pequenos municípios em Pernambuco. Recife: UFPE, 2001. (Relatório de Pesquisa). Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/leaa/files/2016/03/Pequenos-Munic%C3%ADpios_Nazareth-1.pdf. Acesso em: 25 maio 2022.